FACULDADE DE LETRAS

Universidade do Porto

GUIA DO ESTUDANTE

Sociologia

2º ano

EDIÇÃO DO CONSELHO DIRECTIVO
1994/95

FACULDADE DE LETRAS

Universidade do Porto

FACULDAD
BIBLIO
PORTO

GUIA DO ESTUDANTE

XV

EDIÇÃO DO CONSELHO DIRECTIVO
1994/95

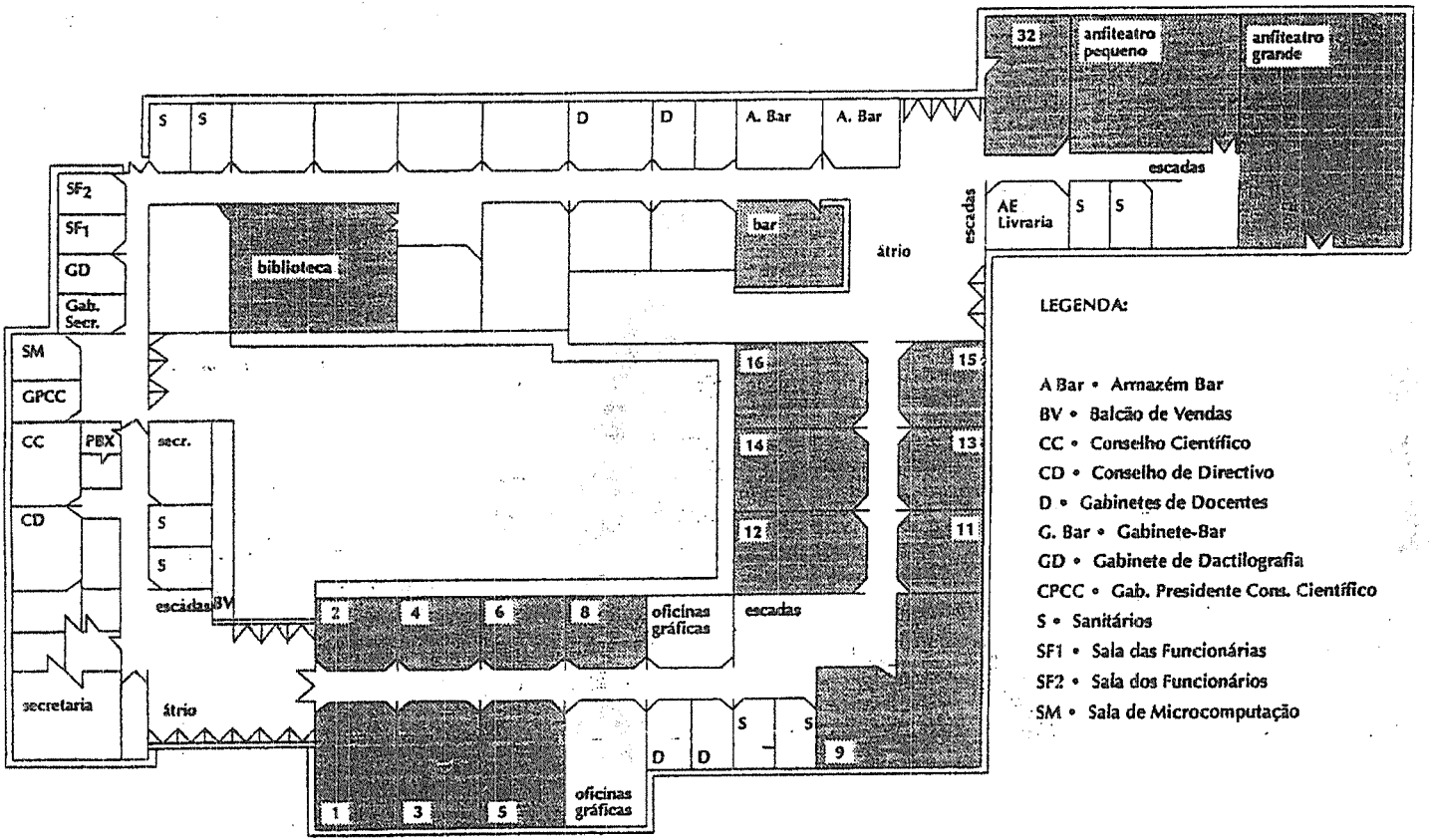
Guia do Estudante da FLUP.SOC: 2º Ano
Vol.15, 1994-95
Publicação Anual

Dactilografia: Margarida Santos
Execução e Impressão: Oficina Gráfica
Tiragem: 100 exemplares

FLUP — Actuais instalações

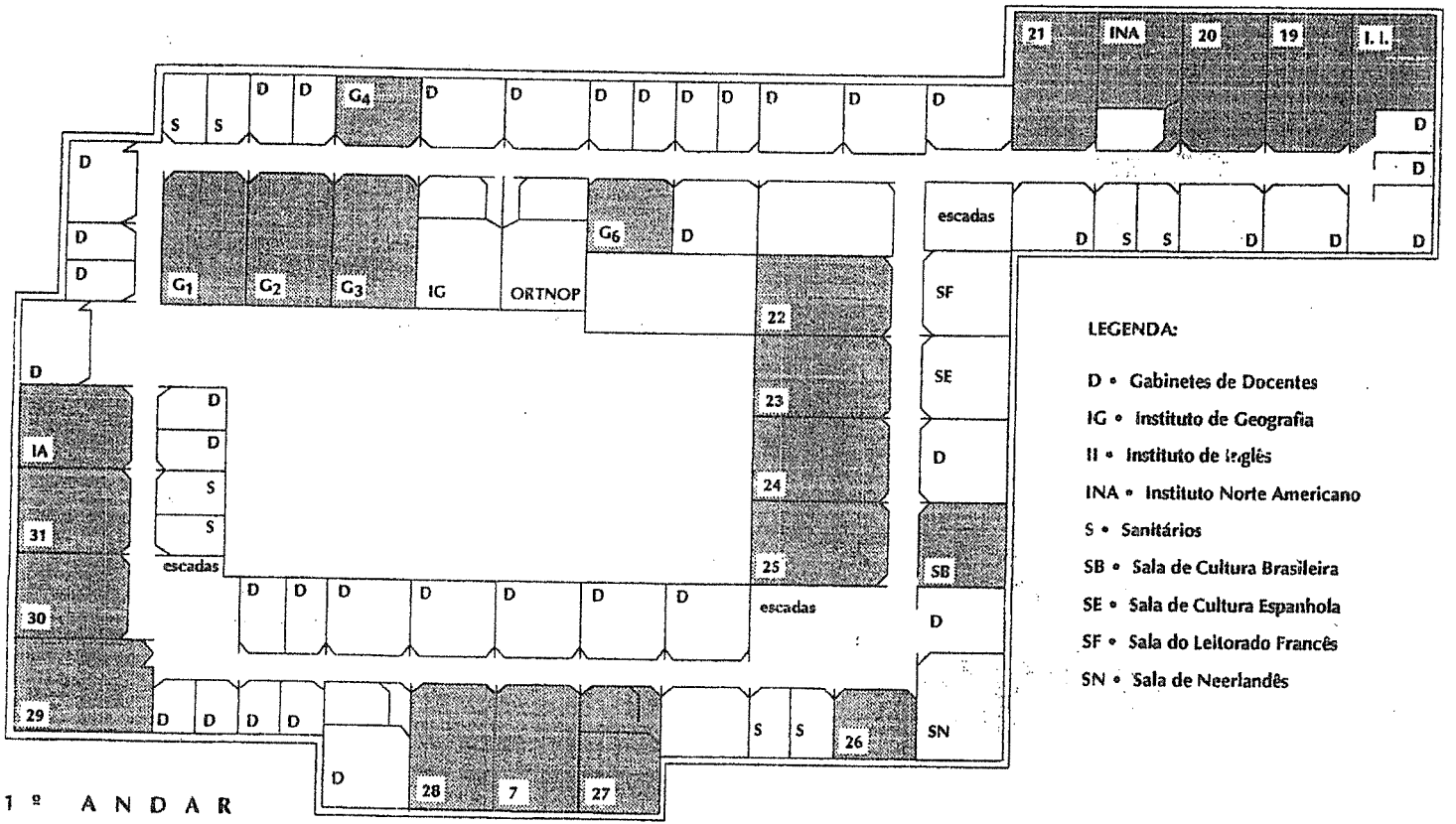
FLUP — Próximas instalações

EDIFÍCIO PRINCIPAL DA FACULDADE DE LETRAS • PORTO



RÉS DO CHÃO

EDIFÍCIO PRINCIPAL DA FACULDADE DE LETRAS • PORTO



1º ANDAR

INTRODUÇÃO

GUIA DO ESTUDANTE

INTRODUÇÃO

O estudante que, pela primeira vez, frequenta algum dos cursos ministrados na FLUP carece de um conjunto mínimo de informações que o situe na Escola e na realidade nova que para ele certamente significa a entrada na Universidade. Mas também os outros, aqueles que conhecem há um ou mais anos os corredores e as salas de aula desta Casa, necessitam de indicações actualizadas sobre programas, bibliografia, temas, normas de avaliação, calendário, etc.

Por isso, continuando uma tradição que remonta a 1980/81, o Conselho Directivo coloca à disposição dos alunos o Guia do Estudante que vai já na sua 15ª edição.

O passado tem mostrado a enorme utilidade desta publicação. Oxalá a presente edição continue a prestar os relevantes serviços de sempre e que, para além disso, possa constituir um sinal da vitalidade e do imenso labor desenvolvido nesta Faculdade.

Porto e Faculdade de Letras, Julho de 1994

O PRESIDENTE DO CONSELHO DIRECTIVO

****

ÓRGÃOS DE GESTÃO DA FACULDADE

Assembleia de Representantes
Conselho Directivo
Conselho Científico
Conselho Pedagógico
Conselho Administrativo
Conselho Consultivo.

****

SERVIÇOS DA FACULDADE

A - Secretaria

Sector de Matrículas e Inscrições
" de Equivalências
de Mudanças de Curso.
Horário normal de abertura ao público:
de 2ª a 6ª feira: 14H00 - 16H30
Encerra ao Sábado.

B - Tesouraria

Horário de atendimento:
de 2ª a 6ª feira: 9H30 - 11H30
14H30 - 16H30
Encerra ao Sábado.

C - Biblioteca Central

A Biblioteca Central constitui um serviço de fundamental importância da FLUP e por isso tem merecido uma atenção particular por parte dos Conselhos Directivos.

São utentes de direito da Biblioteca os docentes e os alunos da FLUP. Em casos devidamente justificados, porém, outras pessoas podem utilizar os seus serviços, nomeadamente a pesquisa na Base Nacional de Dados Bibliográficos ("Porbase").

Para consulta das obras da Biblioteca Central os utilizadores devem possuir o cartão de leitor, o qual deverá ser revalidado todos os anos depois de efectuadas as inscrições.

1. Tipos de leitura:

a) de presença: na Sala de Leitura (horário afixado);
na Sala de Obras de Referência (livre acesso);
b) domiciliária: normas regulamentares afixadas na Sala de Leitura.

2. Sala dos Catálogos:

a) Onomástico
b) Didascálico
c) CDU (Classificação Decimal Universal)
c) Cardex (Publicações Periódicas)
d) "Porbase" (através do terminal ligado em linha à Base Nacional de Dados Bibliográficos)
e) Bases de dados locais.

Nota. As obras entradas depois de 1988 encontram-se integradas na Base Nacional de Dados Bibliográficos ("Porbase"), e nas bases de dados locais, pelo que não devem ser procuradas nos catálogos tradicionais.

Tanto os catálogos tradicionais como a "Porbase" incluem também obras de alguns Institutos e Centros sediados na Faculdade, identificáveis pelas respectivas siglas.

Como é de norma em todas as Bibliotecas, as obras classificadas de "Reservados", as de "referência" (dicionários, enciclopédias), as teses e as revistas e publicações periódicas não podem ser requisitadas para leitura domiciliária.

O mesmo se aplica às obras pertencentes ao "Fundo Primitivo".

3. Horário de leitura: (Excepto nos períodos de férias)

2ª a 6ª feira: 81130 - 191100

4. Leitura de presença

4.1. Obras em depósito.

4.1.1. Para a leitura de presença, o leitor só pode requisitar 3 obras de cada vez.

4.2. Obras em livre acesso (Sala de leitura e de Referência)

4.2.1. A estas obras poderá o leitor aceder directamente, ficando estabelecido que não deverá voltar a colocá-las nas estantes, mas num local designado para esse efeito.

5. Leitura domiciliária

5.1. Podem ser requisitadas 3 obras diferentes simultâneamente.

5.2. O empréstimo de obras para leitura domiciliária processa-se entre as 14h e as 18h e a sua devolução deverá ocorrer impreterivelmente 48 horas depois de terem sido requisitadas.

5.3. As requisições das mesmas obras podem ser renovadas, quando não haja prejuízo para outros leitores.

6. Os alunos invisuais dispõem do aparelho Optacon oferecido pela Fundação Calouste Gulbenkian e instalado na Biblioteca Central.

7. Estão disponíveis para pesquisa em CD-ROM diversas bases de dados cuja utilização obedece a um regulamento afixado na Biblioteca.

8. Serviço de informação bibliográfica da Biblioteca Central da Faculdade:

Boletim Bibliográfico (Semestral), 1979 ss.

Núcleo de Teses Existentes na Biblioteca Central da F.L.U.P., "Boletim Bibliográfico - Anexo I", Porto, 1989.

Trabalhos de Docentes da F.L.U.P., "Boletim Bibliográfico -Anexo II", Porto, 1989.

Núcleo das Obras que constituem o Fundo Ultramarino da Biblioteca Central da F.L.U.P., "Boletim Bibliográfico - Anexo III", Porto, 1990.

Núcleo Documental do Instituto de Estudos Norte-Americanos, "Boletim Bibliográfico - Anexo IV", Porto, 1990.

Bibliografia Temática:

1- "Biblioteconomia e Documentação", 1989.

2- "Educação, Pedagogia, Didáctica", 1989.

3- "Biblioteconomia, Documentação, Arquivística", 1989.

4- Biblioteconomia. Documentação. Arquivística, 1991.

5- Literatura Medieval. Cultura Medieval. 1992.

6- Sociologia, 1992

Boletim de Sumários, 1988 ss.

Reservados da Biblioteca Central, 1ª ed., 1989; 2ª ed., 1990

Núcleo Documental do Instituto de Estudos Ingleses, Porto, 1991

Dissertações Académicas, Porto, 1992

Núcleo Documental da Sala Brasileira, Porto, 1992

Para além da Biblioteca Central, existem na Faculdade Institutos, Salas e Centros de Investigação:

Instituto de Estudos Ingleses
" de Estudos Norte Americanos
" de Estudos Germanísticos
" de Geografia
" de Cultura Portuguesa
" de Arqueologia
" de Documentação Histórica Medieval
" de Filosofia e História da Filosofia
" de História de Arte
" de Língua Portuguesa
" de Literatura Comparada
" de Literaturas Africanas de Expressão Portuguesa
" de Sociologia
" de Ciências da Educação
" de Estudos Franceses

Sala Brasileira
" Espanhola
" Neerlandesa
" de História Moderna
" de História Medieval

Centro de História
" de Linguística
" de Estudos Semióticos e Literários.

Dependente da Reitoria da Universidade, mas sediado na FLUP, funciona o Centro Norte de Portugal-Aquitânia (CENPA).

Obs.: O acesso de alunos a algumas destas unidades está condicionado, de acordo com as normas da direcção de cada uma delas.

****

D - Oficina Gráfica - Balcão de Vendas

Serviço de reprografia da Faculdade e de venda de publicações; apoia as actividades pedagógicas, de investigação e administrativas da escola. Preçário fixado pelo Conselho Directivo.

Horário de atendimento ao público:
2ª a 6ª feira: 8H30 - 19H30

****

BAR

Presentemente, o serviço de cafeteria e de "snack" é assegurado por exploração dependente da Associação de Estudantes da Faculdade.

Horário:
2ª a 6ª feira: 8H30 - 19H00
Encerra ao Sábado, normalmente.

****

PARQUE DE ESTACIONAMENTO

Reservado aos elementos da FLUP. Entrada pela Travessa de Entre Campos. Possui zonas demarcadas, que devem ser respeitadas para comodidade de todos.

No interior do parque aplicam-se todas as normas jurídicas sobre responsabilidade civil por danos causados a terceiros.

Horário:
2ª a 6ª feira - 7H30 - 23H00
Sábados- 7H30 - 13H00.

****

ACTIVIDADE ESCOLAR

A. Cursos de Licenciatura
História
História (Variante Arte) .
História (Variante Arqueologia)
Filosofia
Línguas e Literaturas Modernas (Est. Port; Est. Port/Franc; Est. Port/Ingl; Est. Port/Alem; Est. Ingl/Alem; Est. Franc/ Alem; Est. Franc/Ingl.)
Geografia
Sociologia.

B - Cursos Profissionalizantes:
a) Ramo educacional:
regime transitório
regime normal (3º, 4º e 5º anos).
b) Tradução

C - Cursos de pós-graduação:
a) Mestrados:
História Medieval
História Moderna
História Contemporânea
História da Arte
Arqueologia
História da Cultura Portuguesa (Época Moderna)
Filosofia do Conhecimento
Filosofia Medieval
Filosofia da Educação
Literaturas Românicas Modernas e Contemporâneas

Estudos Anglo-Americanos
Linguística Portuguesa Descritiva
Geografia
Sociologia

b) Curso de Especialização em Ciências Documentais - Opção "Bibliotecas e Documentação"; Opção "Arquivos"

c) Curso de Pós-Graduação em Museologia.

D - Curso de Português para Estrangeiros.

E - Cursos de Formação Contínua de Professores.

F - Actividades de extensão cultural - O Ciclo de Conferências promovidas pelo Conselho Directivo no ano lectivo anterior, terá continuidade no presente ano lectivo. Foi já publicado o texto da 1ª Conferência, proferida em 31 de Março de 1993: SOVERAL, Eduardo Abranches de, Meditação Heideggeriana, Conferências da FLUP, Ed. do Conselho Directivo, 1993

****

INDICAÇÕES PEDAGÓGICAS (Síntese):

Os alunos devem ter em atenção o regime e tabela de precedências em vigor, assim como as Normas de avaliação aprovadas pelo Conselho Pedagógico.

1. RAMO EDUCACIONAL:

Regime transitório (Port. 850/87):

1º ano:

a) os alunos que concluem a licenciatura (plano de estudos antigo) têm direito a candidatar-se à inscrição no 1º ano no primeiro curso aberto após a conclusão da licenciatura;

b) equivalências concedidas:

em Filosofia: Filosofia da Educação a Introdução às Ciências da Educação;

em LLM: Didáctica da Língua Inglesa a Metodologia do Inglês.

2º ano:

a) estágio nos locais fixados pela Direcção Regional de Educação do Norte;

b) seminário semanal na Faculdade (3 horas);

c) admissão ao estágio com aproveitamento em todas as disciplinas do 1º ano (na época de Julho; os alunos que terminam o 1º ano do regime transitório na época de Setembro e de Dezembro só podem concorrer a lugares de estágio em Julho do ano seguinte).

Regime normal (Port. 850/87):

1. Para poder candidatar-se ao ramo educacional - regime normal - o aluno deve estar em condições de passagem para o 3º ano do curso (isto é, com o máximo de duas disciplinas em atraso).

2. A média para seriação dos candidatos é calculada com base nas classificações da totalidade das disciplinas do 1º e do 2º ano, menos duas (se o aluno não tem disciplinas em atraso), ou menos uma (se só tem uma em atraso).

Obs.: Para os efeitos indicados no número precedente, não são levadas em conta as classificações mais baixas obtidas pelo aluno até à data.

Notas:

I - O regulamento dos estágios, encontra-se publicado na Port. 659/88, de 29 de Setembro.

II - Os alunos devem ler com cuidado todos os avisos afixados sobre esta matéria antes de se dirigirem à Secretaria.

III - Informa-se que a Unidade de Apoio aos Alunos Deficientes (UAAD), da Pró-Reitoria da Universidade (Acção Social Universitária e Assistência Médica), presta apoio psico-social e médico-pedagógico aos estudantes invisuais. Neste âmbito a UAAD promove também a passagem de textos de apoio em Braille, com a colaboração da Associação de Cegos do Norte de Portugal.

No que concerne a aquisição do material específico, por parte destes alunos, dispõem os mesmos de cassetes, a preço mais acessível, no Centro de Documentação e de material didáctico dos Serviços Sociais da Universidade do Porto (SSUP).

Mais se informa que a Pró-Reitoria aguarda uma resposta da Biblioteca Pública Municipal do Porto, sobre uma proposta de colaboração para a gravação de textos de estudantes invisuais da Universidade do Porto.

2. CURSOS DE TRADUÇÃO - Para alunos de LLM (Port. 850/87):

a) Os alunos interessados nestes cursos poderão optar pelo curso de tradução em Inglês-Português, de Francês-Português ou de Alemão-Português.

b) Serão candidatos à admissão nestes cursos, os alunos inscritos no 2º ano, que reunam as condições de transição para o 3º ano do respectivo curso.

c) Os candidatos serão seleccionados de acordo com as médias obtidas nos dois primeiros anos do curso.

****

INDICAÇÕES ACADÉMICAS (Síntese):

1. No prazo de 7 dias a contar da afixação do respectivo aviso (ou pauta) ou da data do correio, os alunos devem dar cumprimento aos deferimentos favoráveis exarados nos requerimentos que tenham apresentado à Faculdade.

2. Mudança de variante em LLM: os pedidos dos alunos da FLUP só podem ser considerados depois de terem completado todas as disciplinas do 1º ano em que se inscreveram.

3. Curso de Ciências Documentais (pós-graduação) - as disciplinas em atraso do curso anterior podem ser feitas no curso seguinte.

Notas:

1. Para as restantes informações, devem os alunos consultar o folheto Indicações Úteis aos Alunos, difundido gratuitamente pela Universidade do Porto.

2. Chama-se a especial atenção dos alunos para os avisos sobre a micro-radiografia.

****

NORMAS DE AVALIAÇÃO

(Aprovadas pelo Conselho Pedagógico em 4/Julho/94)

No desempenho das funções que lhe competem segundo os Estatutos da Universidade do Porto e os Estatutos da Faculdade de Letras e de acordo com a legislação em vigor, o Conselho Pedagógico aprovou as Normas de Avaliação de Conhecimentos para o ano lectivo de 1994-1995.

Estas normas pretendem corresponder a uma renovação das nonnas até agora vigentes.

Embora a muitos pareça necessária uma remodelação profunda destas normas, o Conselho Pedagógico optou por uma reformulação que mantivesse a estrutura global do método de avaliação, uma vez que o projecto de reestruturação dos cursos ainda nao entrou em funcionamento. Todavia, pareceu-nos urgente simplificar e clarificar as normas de avaliação, já que elas, com os sucessivos ajustamentos que têm sofrido, se têm revelado demasiado complexas, com uma formulação confusa, repetitiva e, por vezes, contraditória.

A. MODALIDADES DE AVALIAÇÃO

Art° 1° - Caracterização das modalidades de avaliação

1. Admitem-se as seguintes modalidades de avaliação:
   a. Avaliação contínua.
   b. Avaliação periódica.
   c. Avaliação final.

2. Nos termos do artigo 18° é permitida a combinação, numa mesma cadeira, da modalidade de avaliação contínua com uma das outras modalidades de avaliação, prevalecendo, dentro de cada uma dessas formas de avaliação, as normas respectivas.

3. Poderão existir, em alternativa ou em combinação com outras modalidades, trabalhos de investigação ou de campo ohrigatórios, definidos nos termos dos artigos 2°, 16°, 17° e 18°.

Art° 2° - Definição inicial da avaliação e sua apresentação

1. No início do ano lectivo, ao apresentar o programa da disciplina, o docente deve comunicar o plano de avaliação e dialogar com os alunos acerca dos seus diferentes aspectos, explicitando:

a) objectivos pedagógico-didácticos;

b) modalidades de avaliação, com referência à existência ou não de avaliação contínua e à forma como, dentro dos limites impostos nestas normas, esta poderá ser combinada com outras modalidades;

c) existência ou não de trabalhos de investigação obrigatórios e/ou facultativos;

d) os índices e critérios de ponderação de cada uma das componentes de avaliação (testes, trabalhos de investigação, trabalhos de campo, participação nas aulas teóricas e práticas).

e) o número e o tipo de testes mínimo para as disciplinas em modalidade de avaliação contínua.

2. O estipulado no ponto 1. deve obrigatoriamente ser registado pelo docente no livro de sumários, até ao fim do primeiro mês de aulas.

3. O plano de avaliação terá em conta as condições concretas de funcionamento de cada disciplina, nomeadamente:

a) número de alunos;

b) número de docentes;

c) natureza da disciplina e conteúdos a leccionar.

4. Todos os alunos devem tomar conhecimento desde o início do ano lectivo do plano de avaliação de cada uma das disciplinas em que estão inscritos. Em caso algum poderão invocar desconhecimento desse plano nos momentos de avaliação.

B. AVALIAÇÃO CONTÍNUA

Art° 3 - Tipos de provas

1. A modalidade de avaliação contínua terá um número de provas mínimo a definir pelo docente no início do ano lectivo e em correlação directa com as matérias a leccionar. Estas devem ser distribuídas regularmente, consistindo na realização complementar ou em alternativa de vários tipos de provas: trabalhos escritos e orais, relatórios de leitura ou de trabalho de campo, elaboração de bibliografias críticas, testes escritos ou orais, etc.

2. Uma das provas tem que ser obrigatoriamente um teste escrito.

3. Os alunos devem ser informados sobre todos os elementos de avaliação, incluindo os trabalhos orais e a participação nas aulas, e sobre os critérios de ponderação adoptados.

4. As classificações de avaliação contínua devem ser regularmente comunicadas ao aluno e publicadas até uma semana antes do prazo limite de desistência de avaliação contínua.

Art° 4 - Funcionamento das aulas

1. A avaliação contínua pode ser realizada apenas em turmas cuja frequência média não exceda 30 alunos.

2. O quantitativo referido no ponto anterior poderá, eventualmente, ser alterado, após autorização do Conselho Pedagógico, e mediante justificação do docente.

3. As disciplinas ou turmas que funcionam no regime de avaliação contínua podem ter aulas durante a interrupção motivada pelas primeiras provas de avaliação periódica, mediante acordo entre professor e alunos.

Art° 5 - Exigência de presença às aulas

1. A avaliação contínua obriga à presença do aluno, no mínimo, em 75% das aulas.

2. A presença dos alunos é verificada pela assinatura de folhas de presença, sob a responsabilidade do docente.

Art° 6 - Inscrição e desistência

1. A inscrição nesta modalidade de avaliação é feita no decurso do primeiro mês de funcionamento da disciplina.

2. Os alunos podem desistir da avaliação contínua, até quinze dias antes da realização do primeiro teste de avaliação periódica. Os alunos que desistirem da avaliação contínua só poderão submeter-se à avaliação final.

3. A desistência efectua-se por comunicação escrita, datada e assinada e entregue pessoalmente ao docente.

Art° 7 - Reprovação e direito à época de recurso

1. O aluno que obtenha classificação negativa em avaliação contínua é considerado reprovado, tendo, no entanto, direito a realizar exame final na época de recurso e nas condições fixadas pelo artigo 13°.

C. AVALIAÇÃO PERIÓDICA

Art° 8 - Tipos de provas

1. O número mínimo de provas a realizar é de duas, sendo uma obrigatoriamente um teste efectuado na presença do docente e podendo a outra ser um trabalho elaborado fora da aula, desde que previamente acordado entre docente e aluno, nos termos do artigo 2°.

2. Nas disciplinas em que se entenda necessária a realização de trabalhos práticos ou de campo para além das duas provas de avaliação periódica, os referidos trabalhos deverão obrigatoriamente regular-se pelo disposto no artigo 18°.

3. As provas só podem incidir sobre matéria leccionada até 8 dias antes da sua realização.

Art° 9 - Repescagem

1. Para que os alunos se considerem aprovados em avaliação periódica, a média final tem de ser positiva e em nenhuma das provas a nota pode ser igual ou inferior a sete valores.

2. Os alunos que não estejam na situação referida no ponto 1, ou que tenham faltado a uma das provas, têm direito, nas condições abaixo indicadas, a uma prova de repescagem a realização simultaneamente com o exame final da época nonmal.

3. A nota de uma das provas de avaliação periódica tem de ser igual ou superior a 9,5 para o aluno poder realizar a prova de repescagem.

Art° 10 - Inscrição e desistência

1. A inscrição do aluno nesta modalidade de avaliação considera-se efectiva pela sua presença na primeira prova de avaliação periódica.

2. Os alunos que não compareçam a uma das provas, mas queiram optar ou manter-se nesta modalidade de avaliação, devem entregar ao responsável da cadeira uma declaração datada e assinada, até cinco dias úteis após o reinício das aulas, para o caso da primeira prova. Para a segunda prova, o prazo é de cinco dias após a realização da mesma.

3. Presume-se que um aluno que não cumpra com o disposto no ponto 2 optou pela modalidade de avaliação final.

4. Um aluno que compareça a duas provas de avaliação periódica perde o direito à desistência desta modalidade de avaliação, não podendo realizar exame final na época normal, excepto nos casos contemplados no ponto 7 do artigo 13°.

Art° 11 - Reprovação e direito à época de recurso

1. 0 aluno que obtenha classificação média negativa em avaliação periódica é considerado reprovado, tendo no entanto direito a realizar exame final na época de recurso nas condiçoes fixadas pela lei gera e conforme os artigos 13° e 15° das actuais normas.

Art° 12 - Tipos de provas em línguas vivas

1. Sem prejuízo do exposto nos artigos 8°, 9° e 10", a avaliação periódica consta de dois tipos de provas: escritas e orais.

2. As provas escritas são, no mínino duas e precedem a prova oral, obrigando a uma média mínima de nove valores, sendo uma delas obrigatoriamente positiva.

3. Cabe aos docentes fixar o momento de realização da prova oral, observando o intervalo mínimo de 2 dias úteis após a afixação dos resultados das provas escritas, segundo o estipulado no art° 20°.

4. A classificação final deve obter-se pela média entre a nota da prova oral e a média alcançada nas provas escritas e segundo o estipulado no artigo 15° destas normas.

5. Em línguas vivas a prova oral funciona sempre como uma prova autónoma, obrigatória, com a finalidade de avaliar a capacidade de expressão oral do aluno, nunca podendo ser entendida como prova de repescagem das provas escritas.

6. Para que os alunos se considerem aprovados nenhuma das três provas realizadas pode ter uma classificação inferior a oito valores.

D. AVALIAÇÃO FINAL

Art° 13 - Tipo de provas

1. 0 exame final é constituído por uma prova escrita e, se necessário ou requelido, uma prova oral, devendo aquela anteceder sempre esta.

2. Nos exames finais, épocas de recurso e especial, há apenas uma chamada por cada disciplina.

3. Nas disciplinas com prova prática obrigatória no exame final, esta poderá ser substituída por um trabalho prático ou de campo realizado ao longo do ano lectivo, desde que para tal haja acordo entre professor e aluno, nos termos do artigo 2° e do artigo 18°.

4. Os alunos podem realizar exames na época de Setembro a todas as disciplinas a cujas provas faltaram ou de que desistiran em regiume de avaliação contínua ou periódica.

5. Para os alunos que realizem recurso de qualquer modalidade de avaliação em Setembro, existe um limite de duas disciplinas anuais ou quatro semestrais.

6. Na época especial (Dezembro), os alunos podem fazer exame final a um máximo de duas disciplinas anuais ou quatro semestrais, desde que estas sejam suficientes para a obtenção de grau ou diploma.

7. Os alunos do 4° ano dos diversos cursos, com excepção do de Sociologia, podem realizar recurso da classificação de avaliação periódica ou contínua na época normal, sem limite de número de disciplinas.

8. O recurso referido no ponto 7 não pode ser repetido na época de Setembro.

Art° 14 - Exames para melhoria de classificação

1. Os alunos podem requerer melhoria de classificação a qualquer disciplina, sem restrição numérica, mas uma só vez. Esta melhoria tem que ser realizada até à época de recurso (inclusivé) do ano lectivo seguinte.

2. Os alunos que desejem fazer exames para melhoria de classificação no ano seguinte àquele em que obtiveram a passagem nas disciplinas respectivas têm de se cingir aos programas leccionados durante o ano lectivo em que tem lugar o novo exame e de prestar provas com o docente (ou docentes) que ministra(m) os referidos programas.

3. Na melhoria de nota prevalece a classificação mais elevada.

Art° 15 - Provas orais em avaliação final

1. As provas orais devem realizar-se em salas abertas ao público, perante um júri constituído por um número mínimo de dois docentes ligados à área da disciplina.

2. Cabe aos docentes determinar o momento da realização da prova oral, observando o intervalo mínimo de 2 dias úteis após a afixação da classificação da prova escrita correspondente.

3. A nota mínima de admissão à prova oral é de 7,5 valores, excepto no caso das disciplinas de línguas vivas em que a nota minima é de 9 valores.

4. Os alunos que obtenham na prova escrita nota igual ou superior a 10 valores ficam dispensados da prova oral (excepto no caso das línguas vivas) sem que, no entanto, lhes seja vedado requerê-la no prazo de 2 dias úteis após a afixação da classificação da prova escrita.

5. Sempre que se realize uma prova oral em avaliação final, o resultado será a média obtida entre a nota da prova escrita e a nota da prova oral.

6. O regime de obrigatoriedade da prova oral pode ser estendido a qualquer outra disciplina, que não as línguas vivas, sob proposta do responsável pela disciplina, por decisão do Conselho Pedagógico e ouvido o Conselho Científico.

E. TRABALHOS DE INVESTIGAÇÃO, SEMINÁRIOS E COMBINAÇÃO DE MODALIDADES DE AVALIAÇÃO

Art° 16 - Definição de trabalho de investigação

1. Considera-se um trabalho de investigação aquele em que haja pesquisa bibliográfica, documental ou de campo, original e individualizada, cuja apresentação e dimensão obedeça a certos requisitos mínimos, previamente acordados entre docente(s) e aluno ou grupo de alunos.

2. Os critérios, métodos, prazos e formas de realização devem ser discutidos com o docente no início da elaboração do trabalho; o docente deve acompanhar de perto essa elaboração.

3. Os alunos pertencentes a um mesmo grupo de trabalho podem ter uma classificação diferenciada em função da sua participação individual.

Art° 17 - Seminários

1. Os seminários são disciplinas incluídas nos curricula das licenciaturas, nos termos da legislação em vigor.

2. Para efeitos de avaliação os alunos ficam obrigados a participar num número detenminado de reuniões definido no início do seminário.

3. Para todos os efeitos consideram-se essas reuniões equivalentes a provas de qualquer outro sistema de avaliação, sem prejuízo de outras provas a realizar.

4. Os trabalhos de investigação realizados no âmbito dos seminários obedecem nonmas estipuladas no artigo 16°.

5. Todas as decisões quanto às modalidades de avaliação, organização e funcionamento do seminário, deverão ficar registadas no livro de sumários, à semelhança do estipulado no artigo 2°.

6. Os seminários do Ramo Educacional, dada a sua especificidade, não podem ser repetidos para efeito de melhoria de nota.

Art° 18 - Combinação de modalidades de avaliação (Cursos de Geografia e de Sociologia)

1. Uma mesma disciplina pode funcionar simultaneamente com dois tipos de avaliação: avaliação periódica ou final relativamente aos conteúdos teóricos; avaliação contínua relativamente aos conteúdos práticos.

2. Para que os alunos se considerem aprovados é obrigatória uma nota mínima de 9,5 a cada uma das componentes.

3. No caso de avaliação inferior a 9,5 numa das componentes da disciplina, a classificação positiva da outra componente poderá ser considerada até à época de recurso ou especial do mesmo ano lectivo.

4. A ponderação da parte prática e da parte teórica da disciplina deve ser claramente explicitada nos termos do artigo 2°, sendo responsabilidade do docente indicar o índice de ponderação efectivo de cada uma delas na média final da disciplina.

5. Nas disciplinas em que esse índice não tenha sido efectivamente fixado, vigora uma ponderação de 50% para cada uma das componentes, teórica e prática.

6. Os alunos que optem pela combinação de modalidades de avaliação ficam obrigados ao regime de presenças próprio da avaliação contínua apenas em relação às aulas práticas.

F - APRESENTAÇÃO DAS CLASSIFICAÇÕES E SUA APLICAÇÃO

Art° 19 - Forma de apresentação das classificações

1. Todas as notas relativas a provas ou a trabalhos que servem de fundamento à classificação final, bem como esta última, têm de ser publicadas sob a forma de nota qualitativa (escala de 0 a 20) em pautas datadas e assinadas pelo docente da disciplina.

2. As classificações finais são apresentadas em números inteiros, sendo as décimas arredondadas à unidade, por defeito até ao meio valor, e por excesso a partir do meio valor.

Art° 20 - Prazos de afixação das classificações

1. Os resultados da primeira prova de avaliação periódica devem ser afixados até, no máximo, 30 dias úteis após a realização da mesma.

2. Os resultados da segunda prova de avaliação periódica devem ser afixados, até 2 dias úteis antes da realização da prova de repescagem respectiva.

3. Os resultados dos exames devem ser afixados, até 2 dias úteis antes da realização das provas orais respectivas, com indicação explícita do dia e hora em que estas se realizam.

4. Os resultados das provas orais devem ser afixados no próprio dia em que as provas se realizam.

5. Os resultados dos exames da segunda época devem ser afixados até 2 dias úteis do início das inscrições no ano lectivo seguinte.

6. Estes prazos vigoram sem prejuízo de quaisquer outros que os Conselhos Pedagógico e Directivo venham a determinar e publicitar em tempo oportuno.

G - CONDIÇOES DE PRESTAÇÃO E CONSULTA DAS PROVAS

Art° 21 - Consulta das provas

1. Os alunos têm o direito de consultar as suas provas e outros elementos de avaliação depois de classificados, desde que na presença do docente.

2. Em caso de prestação de prova oral os alunos têm o direito de conhecer a classificação da prova escrita correspondente.

Art° 22 - Condições de prestação de provas e casos de fraude

1. No início de cada prova o docente deve informar claramente os alunos acerca das condiçoes de prestação da prova.

2. Em caso de fraude comprovável, o docente deve anular a prova e comunicar o facto ao Conselho Pedagógico.

3. Caso haja apenas suspeitas de fraude, deve o docente comunicar todas as informações sobre a sua fundamentação ao Conselho Pedagógico, o qual tomará posição depois de ouvidas as partes envolvidas.

4. No caso de fraude grave comprovada, o Conselho Pedagógico comunicará o facto à secção disciplinar do Senado Universitário.

Art° 23 - Identificação dos alunos no momento de prestação de provas

1. Os docentes encarregados de vigiar quaisquer provas devem exigir aos alunos documento comprovativo da sua identidade.

2. Os docentes encarregados de vigiar provas de avaliação periódica e exames finais devem fazer circular uma folha de presenças, devidamente datada e rubricada pelo docente que recolher as assinaturas dos alunos.

H - CALENDÁRIO DE PROVAS

Art° 24 - Direito a reclamação relativa ao calendário de provas

1. Dadas as dificuldades na elaboração do calendário nos cursos com múltiplas variantes, está previsto um prazo para reclamações relativas a coincidências de provas de disciplinas do mesmo ano. O prazo é de 2 dias úteis depois de afixado o calendário das provas.

2. As reclamações devem ser dirigidas ao Presidente do Conselho Pedagógico e entregues à Secretaria da Faculdade; o Presidente do Conselho Pedagógico poderá delegar num ou mais membros deste Conselho o poder de resolução destas situações.

I - DISPOSIÇÕES FINAIS

O Conselho Pedagógico reserva-se o direito de tomar as providências que entender necessárias a fim de resolver eventuais irregularidades no processo de avaliação.

****

Calendário das provas em 1994-1995

Início das aulas: 6 de Outubro de 1994

Avaliação periódica
Primeiras provas: de 9 a 28 de Janeiro de 1995 (Reinício das aulas: 31 de Janeiro de 1995)
Segundas provas: de 22 de Maio a 9 de Junho de 1995
Fim de aulas: 20 de Maio de 1995

Exames finais
Época normal: de 12 de Junho a 1 de Julho de 1995
Época de recurso: de 12 a 30 de Setembro de 1995

****

PUBLICAÇÕES

Publicações Periódicas:

Revista da Faculdade de Letras - Séries de:
História, I série: 1971-1974; II série: 1984 ss.
Filosofia, I série: 1970-1973: II série: 1985 ss.
Filologia, I série, 1973.
Línguas e Literaturas, II série: 1984 ss.
Geografia, 1985 ss.
Sociologia, 1991 ss.

Anexos da série de Línguas e Literaturas:

I - Problemáticas em História Cultural, Porto, 1987

II - Bibliografia Cronológica da Espiritualidade em Portugal -1501-1700. Porto, 1988

III - Duas Línguas em Contraste: Português e Alemão, Porto, 1989

IV - Poesia de D. Manoel de Portugal. I - Prophana. Edição das suas Fontes, Porto, 1991

V - Espiritualidade e Corte em Portugal (Séculos XII a XVIII) Porto, 1993

VI - Verbo e Estruturas Frásicas, Porto, 1994

VII - Historiografia Gramatical (1500-1920), Porto, 1994

Portugalia (Instituto de Arqueologia), nova série. 1980 ss.

Runa, Revista Portuguesa de Estudos Germanísticos (Coedição do Instituto de Estudos Germanísticos da FLUP), 1984 ss.

Revista Portuguesa de Estudos Anglo-Americanos (Associação Portuguesa de Estudos Anglo-Americanos, Faculdade de Letras da Univ. do Porto), 1990 ss.

Revista de História (Centro de História da Univ. do Porto), 1978 ss.

Intercâmbio (Núcleo de Estudos Franceses da Univ. do Porto), 1990 ss.

Actas de Congressos:

O Porto na Época Moderna (Faculdade de Letras do Porto, Novembro de 1979), «Revista de História), Porto, INIC/Centro de Historia UP, vol.II, 1979, vol.III, 1980

Colóquio Inter-Universitário de Arqueologia do Noroeste (Novembro de

1983), «Portugalia», Porto, Faculdade de Letras - Instituto de Arqueologia, nova série, IV-V, 1983-1984

Perspectivas e Leituras do Universo Kafkiano (Faculdade de Letras do Porto, Outubro de 1983), Lisboa, Apáginastantas, 1984.

I Jornadas de Estudo Norte de Portugal - Aquitânia (Faculdade de Letras do Porto, Novembro de 1984), Porto, Centro de Estudos Norte de Portugal - Aquitânia (CENPA), 1986

II Jornadas Luso-Espanholas de História Medieval (Novembro de 1985), 3 vols., Porto, Centro de História UP/INIC, 1987, 1989

Problemáticas em História Cultural (Faculdade de Letras do Porto, Outubro de 1986), Porto, Faculdade de Letras - Instituto de Cultura Portuguesa, «Línguas e Literaturas» - Anexo B), 1987

Victor Hugo e Portugal. No Centenário da sua Morte (Faculdade de Letras do Porto, Maio de 1987), Actas do Colóquio, Porto, Ed. subsidiada pela Fundação Eng. António de Almeida e pela Fundação Calouste Gulbenkian, 1987

Colóquio Comemorativo do VI Centenário do Tratado de Windsor (Faculdade de Letras do Porto, Outubro de 1986), Porto, Faculdade de Letras - Instituto de Estudos Ingleses, 1988

La Sociologie et les Nouveoux Déffis de la Modernisation (Faculdade de Letras do Porto, Maio de 1987), Porto, Association Internationale des Sociologues de Langue Française - Secção de Sociologia da Faculdade de Letras do Porto, 1988

Congresso Internacional «Bartolomeu Dias e a sua Época» 5 vols. Porto, Universidade do Porto - Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, 1989

Duas Línguas em Contraste: Português e Alemão, Actas do 1° Colóquio Internacional de Linguística Contrastiva Português-Alemão (Faculdade de Letras do Porto, Outubro de 1988), Porto, Faculdade de Letras - Instituto de Estudos Germanísticos, «Línguas e Literaturas - Anexo III», 1989

Eça e «Os Maias», Actas do 1.° Encontro Internacional de Queirosianos (Faculdade de Letras do Porto, Novembro de 1988), Colecção «Perspectivas Actuais», Porto, Edições ASA, 1990

II Jornadas de Estudo Norte de Portugal-Aquitânia. L'Identité Régionale. L'Idée de Région dans l 'Europe du Sud-Ouest (CENPA, Bordéus, Março de 1988), Paris, CNRS, 1991

A Recepção da Revolução Francesa em Portugal e no Brasil (Faculdade de Letras do Porto,Novembro de 1989), 2 vols., Porto, Universidade do Porto, 1992

Espiritualidade e Corte em Portugal nos Séculos XVI-XVIII (Faculdade de Letras do Porto, Maio de 1992), Porto, Faculdade de Letras - Instituto de

de Letras do Porto, Maio de 1992), Porto, Faculdade de Letras - Instituto de Cultura Portuguesa, «Línguas e Literaturas--Anexo V», 1993

1º Congresso de Arqueologia Peninsular (Porto, Outubro de 1993), Actas, «Trabalhos de Antropologia e Etnologia», Vol. XXXIV - Fasc. 1-2, 3 vols., Porto, Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia, 1993-1994

Antero de Quental e o Destino de uma Geração, Actas do Colóquio Internacional no Centenário da sua Morte (Faculdade de Letras do Porto, Novembro de 1991), Colecção «Perspectivas Actuais / Educação», Porto, Edições ASA, 1994

Edições do Conselho Directivo:

Guia do Estudante, Porto, 1980/81 ss.

Faculdade de Letras, 1988-1989. Porto, 1989: 2ª ed., Porto, 1994

«Fundo Primitivo» da Biblioteca Central. 1919-1928 Porto, 1989

Dissertações Académicas, Porto, 1991

Colecção «Conferências da Faculdade de Letras do Porto»:

Eduardo Abranches de Soveral - Meditação Heideggeriana, Porto, 1993

José Adriano de Freitas Carvalho - A Herança do Sebastianismo (A publicar)

António Teixeira Fernandes - A Crise do Estado nas Sociedades Contemporâneas, Porto, 1993

Luís António de Oliveira Ramos - As Universidades em Tempo de Cooperação, Porto, 1994

Rosa Fernanda Moreira da Silva - Faculdade de Letras do Porto (1980-1994). Seu Enquadramento Nacional e Regional, Porto, 1994

Humberto Baquero Moreno - Os Mudéjares no Portugal Medievo (A publicar)

Publicações da Associação de Estudantes da Faculdade de Letras do Porto (AEFLUP):

Humanidades, 1982

Ícone. Revista de Colaboração Artística, 1990

Letras Soltas. Jornal da AEFLUP, 1992

íncubo, Jornal da AEFLUP, 1993

BIBLIOGRAFIA MAIS IMPORTANTE SOBRE A F.L.U.P.:

CRUZ, António - As Bodas de Prata da Restauração da Faculdade de Letras, «O Tripeiro», Série nova, Porto, IV, 11-12 Nov.-Dez., 1985, pp. 323-331

DIONÍSIO, Sant'Anna - A Quinta Amarela, «O Primeiro de Janeiro», Porto, 12.3.1958

DIONÍSIO, Sant'Anna - Nascença da Decantada Faculdade de Filosofia e Filologia do Porto, «O Primeiro de Janeiro», Porto, 1.12.1980

EIRAS, Adriano - Faculdade de Letras do Porto 1919-1931. Contribuição para a sua História, Porto, Biblioteca Pública Municipal do Porto, 1989 (Em colaboração com a Faculdade de Letras do Porto)

HOMEM, Armando Luís Gomes de Carvalho - Os 25 Anos da Faculdade de Letras: Passado e Presente, «Revista da Faculdade de Letras - História», IV, Porto, 1987, pp. 293-307

HOMEM, Armando Luís Gomes de Carvalho - A História que nos fez e a História que se faz da Primeira à Segunda Fase da Faculdade de Letras do Porto, Congresso «O Porto na Época Contemporânea» (Ateneu Comercial do Porto, Outubro de 1989)

HURST, N.R.- O Ensino e o Estudo do Inglês na Faculdade de Letras da Universidade do Porto (F.L.U.P), «Revista da Faculdade de Letras - Línguas e Literaturas», VII, Porto, 1990, pp. 237-245

HURST, N.R. - Some Implications of Innovation in the Arts Faculty of Porto University. «Revista da Faculdade de Letras - Línguas e Literaturas», X, Porto, 1993, pp. 199-202

PINA, Luís de - Faculdade de Letras do Porto (Breve História), «Cale. Revista da Faculdade de Letras do Porto», I, Porto, 1966, pp. 59-172

RAMOS, Luís António de Oliveira - Notas sobre a Origem e Estabelecimento da Faculdade de Letras do Porto, «Boletim Cultural», Porto, Câmara Municipal do Porto,1983, pp. 245-260 (Reeditado in Sob o Signo das Luzes, Lisboa, IN/CM, 1988, «Leonardo Coimbra e a Criação da Faculdade de Letras do Porto», pp. 201 -221)

SÁ, Victor de - Notas sobre o Ensino da História na 1ª Faculdade de Letras do Porto, «Revista da Faculdade de Letras - História», III, Porto, 1986, pp. 199-209

SILVA, Rosa Fernanda Moreira da - Faculdade de Letras do Porto (1980-1994). Seu Enquadramento Nacional e Regional, «Conferências da Faculdade de Letras do Porto - V», Porto, Edição do Conselho Directivo, 1994

TORRE, Manuel Gomes da - Dr. Luís Cardim. Dos Liceus para a Antiga Faculdade de Letras do Porto, «Revista da Faculdade de Letras - Línguas e

Literaturas», IV, Porto, 1987, pp. 279-300

TORRE, Manuel Gomes da - Papel da Faculdade de Letras do Porto na Formação de Professores de Línguas Vivas Estrangeiras. «Revista da Faculdade de Letras - Línguas e Literaturas», VI, Porto, 1989, pp. 135-150

PROGRAMAS

PENSAMENTO SOCIAL E POLÍTICO

Docente: Drª Lídia Maria Cardoso Pires

1. Os fenómenos políticos. O poder político segundo a concepção da sociedade.

2. A Cidade-Estado. As relações entre educação, ética e política. Da utopia política à melhor constituição possível.

3. Formação e desenvolvimento do pensamento moderno. A autonomia da política perante a moral. As teorias do Estado. O humanismo cristão. O individualismo autoritário e o individualismo liberal. Estado e soberania. A política fundada no direito. Política e filosofia da história.

4. O humanismo socialista. A extinção do Estado. O reformismo. O pluralismo político. Os imperialismos. As relações entre o saber e o poder. A política da razão.

BIBLIOGRAFIA SUMÁRIA (Obras de carácter geral)

CHÂTELET, Duhamel, Pisier - Histoire des Idées Politiques, Paris, PUF, 1982

CHÂTELET, François (sous la direction de) - Histoires des Idéologies, 3 vols., Paris, Hachette, 1978

CHEVALLIER, Jean-Jacques - Les grands oeuvres politiques de Machiavel à nos jours, Paris, Librairie Armand Colin, 1970

"- História do Pensamento Político (2 vols.), Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1982

FERNANDES, A. Teixeira - Os Fenómenos Políticos, Porto, Edições Afrontamento, 1988

FERRY, Luc - Philosophie Politique 1. Le Droit, la Nouvelle Querelle des Anciens et des Modernes, Paris, PUF, 1984

"- Philosophie Politique 2. Le Système des Philosophies de l'Histoire, Paris, PUF, 1984

FERRY, Luc; RENAULT, Alain - Philosophie 3 - Des droits de l'homme à l'idée republicaine, Paris, PUF, 1985

Filosofia Política, "Crítica", Abril/88, Lisboa, Editorial, Teorema, 1988

LAPIERRE, Jean-William - Essai sur le Fondement du Pouvoir Politique, Aix-en-Provence, Publications des Annales de la Faculté de Lettres, 1968

"- Vivre sans État? Essai sur le Pouvoir Politique et l'Innovation Sociale, Paris, Seuil, 1977

WEIL, Eric - Philosophie Politique, Paris, Vrin, 1966

ESTATÍSTICA PARA AS CIÊNCIAS SOCIAIS

Docente: Drª Teresa Pérez

1. Preliminares.
1.1 Introdução.
1.2. Funções da Estatística.
1.3. Noções básicas: relações entre a Estatística e a Sociologia.
1.4. Fases de um trabalho estatístico.
1.5. Estatística e medição de variáveis.
1.5.1. Medidas nominais.
1.5.2. Medidas ordinais.
1.5.3. Medidas de intervalo.
1.5.4. Medidas de quociente ou proporção.
1.5.5. Tipos de variáveis.

2. Estatística descritiva univariada: a lógica da análise comparativa.
2.1. Importância da análise comparativa em Sociologia.
2.2. Tipos de comparações.
2.2.1. Comparações entre grupos.
2.2.2. Comparações entre um grupo e um indivíduo.
2.2.3. Comparação entre o resultado de um estudo e um resultado standard.
2.3. Operações básicas de comparação.
2.3.1. Organizações dos dados.
2.3.2. Distribuições.
2.3.2.1. Distribuição de frequências.
2.3.2.2. Distribuição percentual.
2.3.2.3. Distribuição acumulada.
2.3.3. Percentis.
2.4. Técnicas básicas de representação gráfica.

3. Caracterísiticas de uma distribuição de frequência: tendência central, dispersão e forma. A distribuição normal.
3.1. Características de uma distribuição univariada.
3.2. Medidas de tendência central.
3.2.1. Moda.
3.2.2. Mediana.
3.2.3. Média aritmética.
3.2.4. Tipos especiais de médias.

3.2.5. Relação e comparação entre as medidas de tendência central.
3.3. Medidas de dispersão.
3.3.1. Desvio absoluto, desvio médio absoluto.
3.3.2. Variância e desvio padrão.
3.3.3. Variáveis normalizadas.
3.4. Forma de uma distribuição.
3.4.1. Características de assimetria e achatamento.
3.4.2. Medidas de forma: momento.
3.5. Distribuição normal.
3.5.1. A curva normal.

4. Inferência estatística.
4.1. Introdução.
4.2. Probabilidades: Noções básicas e definições.
4.2.1. Propriedades matemáticas das probabilidades.
4.2.2. Noções de análise combinatória.
4.3. Noções sobre amostragem.
4.3.1. Tipos de amostras.
4.3.2. Amostras aleatórias simples.
4.3.3. Estimadores e erros de amostragem.
4.3.4. Determinação do tamanho de amostra.
4.3.5. Outros tipos de amostragem probabilística.
4.3.6. Amostragem não probabilística.

5. Testes de hipóteses.
5.1. Introdução.
5.2. Uso dos testes em investigação.
5.2.1. Formulação de hipóteses estatísticas.
5.2.2. Escolha do teste.
5.2.3. Nível de significância.
5.2.4. Distribuição amostral.
5.2.4.1. Teorema do limite central.
5.2.4.2. Tendência central, variabiliadde e forma de uma distribuição amostral.
5.2.5. Região de rejeição: Testes unilaterais e bilaterais.

6. Estatística descritiva bivariada.
6.1. Distribuições bivariadas.
6.2. Apresentação e análise de uma tabela bivariada.
6.2.1. Cálculo de percentagens numa tabela.

6.2.2. Distribuições condicionais mais complexas.

6.3. Características de uma associação de duas variáveis.

6.4. Obtenção de medidas de associação. Independência estatística e associação perfeita.

7. Medidas de associação para variáveis nominais e ordinais.

7.1. Medidas de associação para variáveis nominais.

7.1.1. Coeficiente Lambda.

7.1.2. Coeficiente Tau-y de Goodman Krushall.

7.2. Medidas de associação para variáveis ordinais.

7.2.1. Tipos e cálculos de pares.

7.2.2. Coeficiente Tau-a de Kendell.

7.2.3. Coeficiente Gama de Goodman e Kruskal.

7.2.4. Coeficiente d de Somers.

7.2.5. Coeficiente Tau-b de Kendell.

7.2.6. Coeficiente rho de Spearman.

8. Medidas de associação para variáveis de intervalo; regressão e correlação.

8.1. Equações de regressão linear.

8.1.1. Relacção entre duas variáveis estatísticas. Equação de uma recta.

8.1.2. Equacção de regressão e ajuste pelo método dos mínimos quadrados.

8.2. Correlação. Coeficiente r de Pearson.

8.3. Matriz de correlações.

8.4. Considerações finais sobre a selecção e interpretação das medidas de associação.

9. Testes de decisão para o uso de duas amostras.

9.1. Teste da diferença entre duas médias.

9.2. Teste da diferença entre duas proporções.

9.3. Teste do chi-quadrado para duas amostras.

9.3.1. Teste do chi-quadrado para K amostras.

9.4. Testes de hipóteses de associação.

9.4.1. Coeficiente de contigente c.

9.4.2. Teste para o coeficiente rho de Spearman.

9.4.3. Teste para o coeficiente gama.

9.4.4. Teste para o coeficiente tau.

10. Análise de variância.
10.1. Introdução.
10.2. Análise de variância com um só factor.
10.3. Outros tipos de análise de variância.
10.4. Testes de decisão para o caso de correlação e regressão simples.
10.5. Análise de variância para variáveis não paramétricas.
10.5.1. Análise de variância: teste de Krunskall-Wdris.
10.5.2. Teste de Friedman para a análise de variância com dois factores.
11. Noções de Informática.

BIBLIOGRAFIA

MANUEL GARCIA, Fernando - Introducción a la estadística en Sociología,
Col. "Textos", Madrid, Alianza Universidad, 1987
GRAIS, Bernard - Méthodes statistiques, Paris, Dunod, 1982
"- Statistique Descriptive, Paris, Dunod, 1982
MURTEIRA, Bento - Estatística Descritiva, Lisboa, McGraw-Hill, 1979
"- Probabilidade e Estatística, Lisboa, McDraw-Hill, 1979
MEYER, Paul - Probabilidades. Aplicaçõs à Estatística, Rio de Janeiro, LTC/LIDEL, 1983
BLALOCK, Hubert - Social Statistics, McGraw-Hill, Inc., 1983
APORTOL, Tom - Calculus, vol. II, New York, J. Wiley & Sons, 1967
CALOT - Cours de Statistique Descriptive, Paris, Dunod, 1969

ANÁLISE E TEORIAS DEMOGRÁFICAS

Docente: Dr. João Miguel Teixeira Lopes

O. A Demografia como Como Ciência Social - Eixos temáticos para a abordagem de uma Sociologia da População.

1. O Objecto de Estudo da Demografia.
1.1. Breve abordegem histórica.
1.2. A emergência da Demografia científica.
1.3. Correntes actuais da Demografia - unidade e diversidade do objecto de estudo da Demografia contemporânea.

2. A Situação Demográfica Contemporânea.
2.1. Unidade e Diversidade da situação demográfica mundial - os problemas do (sub)desenvolvimento.
2.2. Unidade e Diversidade da situação demográfica europeia.
2.3. Unidade e Diversidade da situação demográfica portuguesa.
2.3.1. As disparidades regionais.
2.3.2. A fragmentação do "mundo rural" e do "mundo urbano" - propostas de intervenção e modelos de desenvolvimento regional.
2.3.2. A emigração e suas implicações demográficas, económicas, sociais, políticas e culturais.
2.4. Cenários de evolução e grandes desafios demográficos.

3. Estruturas Demográficas e Características Sociais da População.
3.1. Estruturas demográficas e estruturas sociais.
3.2. População e questões sociais contemporâneas.
3.2.1. O desenvolvimento económico.
3.2.2. A urbanização.
3.2.3. As estruturas familiares.
3.2.4. A educação.

4. Princípios e Métodos de Análise Demográfica.
4.1. Análise dos aspectos globais da população.
4.2. A colheita e a qualidade dos dados demográficos.
4.3. A análise das variáveis demográficas.

BIBLIOGRAFIA

ARROTEIA, Jorge Carvalho - A Evolução Demográfica Portuguesa, Lisboa, Biblioteca Breve (Ministério da Educação), 1989

"- A Emigração Portuguesa - Suas Origens e Distribuição, Lisboa, Biblioteca Breve (Ministério da Educação), 1983

GASPAR, Jorge - Portugal, os Próximos 20 anos, Ocupação e Organização do Espaço, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkien, 1987

MOUCHEZ, Philipe - Demographie, Paris, P.U.F. , 1968

NAZARETH, J. Manuel - Princípios e Métodos de Análise da demografia Portuguesa, Lisboa, Editorial Presença, 1988

SERRÃO, Joel - A Emigração Portuguesa, Lisboa, Livros Horizonte, 1989

TAPINOS, Georges - Élements de Démographie, Paris, Ed. Armand Colin, 1985

VÁRIOS, "Espaço: Emigração e Retorno", - Revista Sociedade e Território, nº. 8, 1989

"- "Espaço: Emigração e Retorno", Revista Sociedade e Território, nº8, 1989

"- Estudos Demográficos, Lisboa, Instituto Nacional de Estatística, nº31, 1993

INTRODUÇÃO À ANTROPOLOGIA CULTURAL

Docente: Drª Alice Duarte

1. Antropologia como reflexão sobre o Outro.
1.1. O conceito antropológico de cultura.
1.2. A identidade e a alteridade.
1.3. Da etnologia à antropologia.

2. A investigação antropológica.
2.1. Tensões constitutivas da prática antropológica.
2.2. Metodologias qualitativas vs metodologias quantitativas.
2.3. A observação participante.
2.4. A etnobiografia.

3. Trajectórias teóricas da antropologia.
3.1. A corrente evolucionista (e o método histórico).
3.2. A corrente difusionista (e o método comparativo).
3.3. A corrente culturista (e o método tipológico).
3.4. A corrente funcionalista (e o método monográfico).
3.5. A corrente estruturalista (e o método estrutural).
3.6. Perspectivas actuais da antropologia.

4. O estudo do parentesco.
4.1. O vocabulário.
4.2. O parentesco e a família na organização social.
4.3. Teorias do parentesco.

5. A antropologia económica.
5.1. A corrente formalista.
5.2. A corrente marxista.
5.3. A corrente substantivista.
5.4. Formas mercantis e não-mercantis de circulação de bens.
5.5. O potlach e o kula.

6. A antropologia política.
6.1. Sociedades e sistemas políticos.

6.2. As funções políticas e o seu enquadramento.

7. A antropologia portuguesa.
7.1. Dos precursores a Jorge Dias.
7.2. A escola de Jorge Dias.
7.3. As tendências actuais: novas temáticas e novas metodologias.

BIBLIOGRAFIA

ALMEIDA, J.F. de e PINTO, J.M. - A investigação nas ciências sociais, Lisboa, Presença, s/d.

AUGÉ, M. - Os domínios do parentesco, Lisboa, Edições 70, 1978

BALANDIER, G. - Antropologia política, Lisboa, Presença, 1987

BERNARDI, B. - Introdução aos estudos etnoantropológicos, Lisboa, Edições 70, 1974

CLASTRES, P. - A sociedade contra o estado, Porto, Afrontamento, 1979

COPANS, J. et al. - Antropologia, ciência das sociedades primitivas?, Lisboa, Edições 70, 1974

CUTILEIRO, J. - Ricos e pobres no Alentejo, Lisboa, Sá da Costa, 1977

DIAS, J. - Rio de Onor. Comunitarismo agro-pastoril, Lisboa, Presença, 1981

LÉVI-STRAUSS, C. - Les structure élémentaires de la parenté, Paris, PUF, 1967

MALINOWSKI, B. - Argonauts of the Western Pacific, Londres

MAUSS, M. - Ensaio sobre a dádiva, Lisboa Edições 70, 1988

MERCIER, P. - Histoire de l'antropologie, Paris, Gallimard, 1966

O'NEILL, B.J. - Proprietários, lavradores e jornaleiras, Lisboa, Dom Quixote, 1984

O'NEILL, B.J. e BRITO, J.P. (orgs.) - Lugares de aqui, Lisboa, Dom Quixote, 1991

PINA-CABRAL, J. - Filhos de Adão, filhas de Eva. A visão do mundo camponesa no Alto Minho, Lisboa, Dom Quixote, 1989

"- Os contextos da antropologia, Lisboa, Difel, 1991

POIRIER, J., CLAPIER-VALLADON, S. e RAYBAUT, P. - les récits de vie. Théorie et pratique, Paris, PUF, 1983

POUILLON, F. - A antropologia económica, Lisboa, Edições 70, 1978

SILVA, A.S. e PINTO, J.M. (orgs.) - Metodologia das ciências sociais, Porto, Afrontamento, 1986

METODOLOGIA E TÉCNICAS DE INVESTIGAÇÃO

Docente: Drª Isabel Dias

1. Questões fundamentais de Epistemologia e Metodologia sociológicas (revisão e aprofundamento de algumas questões, tendo especialmente em conta a crítica das correntes fenomenologistas à tradição positivista das Ciências Sociais.

2. A elaboração de um programa de pesquisa empírica.

2.1. O papel da Teoria no processo de pesquisa empírica.

2.2. Os meios de trabalho teórico e as fases de pesquisa.

2.3. Os métodos de pesquisa empírica e as técnicas de recolha e análise de informação - descrição e proposta de classificação.

3. Os conceitos e sua operacionalização.

3.1. Problemas da construção de variáveis, da medida e da lógica das relações entre variáveis.

3.2. Causalidade e Explicação em Sociologia.

4. Metodologia da análise extensiva.

4.1. Técnicas de construção de amostras representativas de uma população.

4.2. Técnicas de inquérito.

4.2.1. O inquérito por questionário: problemas de planeamento, de elaboração e aplicação do questionário e de análise dos dados recolhidos.

4.2.2. Testes e medidas de atitudes e opiniões.

4.2.3. As entrevistas: tipologia segundo os objectivos e a técnica de execução.

5. Análise de Documentos: análise documental clássica e análise de conteúdo.

6. Metodologia dos estudos de caso.

6.1. Monografia e estudo de comunidades: dos procedimentos clássicos à sua crítica e reconversão.

6.2. Observação sistemática e observação participante.

6.3. Reflexão sobre as virtualidades e limitações de trabalho sociológico no terreno.

6.4. Abordagem biográfica: histórias da vida e genealogias.

7. Pesquisa orientada para a intervenção: a investigação-acção.

8. Experimentação: a extensão do método das Ciências Naturais às Ciências Humanas.

9. Breves considerações sobre o tratamento informático dos dados em Ciências Sociais.

BIBLIOGRAFIA

ALMEIDA, João Ferreira de; PINTO, José Madureira - A Investigação nas Ciências Sociais, Lisboa, Editorial Presença, 1982

BARDIN, Laurence - Análise de Conteúdo, Lisboa, Ed. 70, 1979

BLALOCK, Hubert - Introducción a la Investigación Social, Buenos Aires, Amorrotv, 1970

BULMER, Martin (ed.) - Sociological Research Methods - an Introduction, Londres, MacMillan

FERRANDO, Manuel García - Introducción a la Socioestadística, Madrid, Alianza

"- Sobre el Metodo - Problemas de Investigación Empírica en Sociología, Madrid, Centro de Investigaciones Sociologicas, Ed. Maribel, A.G., 1979

GHIGLIONE, Rodolphe; MATHALON, Benjamim - O Inquérito - Teoria e Prática, Oeiras, Celta Editora, 1992

GOODE, J. William; Hatt, Paul K. - Métodos em Pesquisa Social, São Paulo, Companhia Editorial Nacional, 7ª Edição, 1979

GRAWITZ, Madeleine - Méthodes des Sciences Sociales, Paris, Dalloz, 1964

JAVEAU, Claude - L'Enquête par Questionnaire - Manuel à l'usage du praticien, Éditions de l'Université de Bruxelles - Les Éditions d'Organisation, 3e. édition, 1988

KETELE, Jean-Marie de; Roegier, Xavier - Méthodologie du recueil d'informations, De Boeck Université

LIMA, Marinús Pires de - Inquérito Sociológico - Problemas de Metodologia, Lisboa, Editorial Presença, 1981

MANN, H. Peter - Métodos de Investigação Sociológica, Rio de Janeiro, Zahar Editores, 5ª Edição, 1983

MILLS, Charles Wright - A Imaginação Sociológica, Rio de Janeiro, Zahar, 1980

PINTO, José Madureira - "Questões de Metodologia Sociológica, (I), (II) (III)", Cadernos de Ciências Sociais, nº1,2,3, Porto, Edições Afrontamento

QUIVY, Raymond; Campenhouldt, Luc Van - Manuel de Recherche das Ciências Sociais, Porto, Edições Afrontamento, 1986

SILVA, Augusto Santos; PINTO, José Madureira (orgs.) - Metodologia das Ciências Sociais, Porto, Afrontamento, 1987

PRINCÍPIOS GERAIS DE DIREITO

Docentes: Prof. Doutor António Teixeira Fernandes
Drª Helena Vilaça

I. Introdução à Sociologia do Direito

1. Estrutura normativa da sociedade.
2. Sociologia do direito e sociologia da moral.
3. Direito e sociedade.
4. Direito e justiça.
5. Ordenamento jurídico e direitos Humanos.

II. Instituições e políticas europeias

1. A construção europeia.

1.1. Os grandes momentos da vida da comunidade: alargamento e principais documentos.

1.2. Instituições comunitárias.

2. As políticas comunitárias.

2.1. Objectivos e instrumentos.

2.2. Fundos estruturais. Acto Único Europeu.

3. A Europa das Nações e a Europa das Regiões.

3.1. Identidades, valores, questões geográficas e sócio-económicas.

3.2. Discurso da Europa e europeízação do discurso.

4. Perspectivas e grandes projectos futuros.

BIBLIOGRAFIA

I. Introdução à Sociologia do Direito:

BOBBIO, Norberto - Diritto e Potere, Napoli, Edizini Scientifiche Italiane, 1992

LÉVY-BRUHL, Henri - "Problèmes de la Sociologie criminelle", G. Gurvitch, Traité de Sociologie, Tomo II, Paris, PUF, 1968, pp.207-226

CARBONNIER, Jean - Sociologia Jurídica, Coimbra, Almedina, 1979

DURKHEIM, Émile - De la Division du Travail Social, Paris, PUF, 1967

"- O Suicídio, Lisboa, Presença, 1977

EHRLICH, Eugen - I Fondement della Sociologia del Diritto, Milano, Giuffrè, 1976

GENARD, Jean-Louis - Sociologie de l'Éthique, Paris, L'Harmattan, 1992

GURVITCH, Georges - "Problèmes de sociologie du droit", Traité de Sociologie, PUF, 1968, Tomo II, pp.173-206

NEVES, A. Castanheira - Fontes do Direito, Coimbra, 1985

RADBRUCH, Gustav - Filosofia do Direito, Coimbra, Arménio Amado, 1979

RAWALS, John - Théorie de la Justice, Paris, Seuil, 1987

WEBER, MAX - "Sociologia del derecho", in Economia y Sociedad, Vol. I, México-Buenos Aires, Fondo de Cultura Económica, 1964, pp.498-660

II. Instituições e políticas europeias

DELORS, Jacques - Pour Rentrer dans XXIe Siècle, Paris, Michel Lafon/Ramsay, 1994

LANE, Jan-Erik; ERSSON, Svante O. - Politics and Society in Western Europe, London, Sage, 1991

MATHIEU, Jean-Luc - La Communauté Européenne, Marché ou État?, Paris, Nathan

PINDER, David (org.) - Europa Ocidental - Desafios e Mudanças, Oeiras, Celta, 1994

WILLIAMS, Allan M. - A Comunidade Europeia, as Contradições do Processo de Integração, oeiras, Celta, 1992

Análise Social, nº118/119

LÍNGUA VIVA II (Instrumento de Trabalho) - Inglês

Docente: Dr. Ian Charles Rowcliffe

WORK AS A DEFINING QUALITY
You'll make a million bucks uo there.
Leadership and Followership.
Social Research.
Documents of Life.
A Linguist.
A Lifeguard.
A Street Vendor.
In and Out of Work.
Casual Labour.
Some Investigations.

YOUTH
The ways of the young.
Music as a Youth Phenomenon

WELFARE
Theory of welfare.
Designing for the dole.
Reforming the welfare monster.
Welfare spurs family breakdown.

SOCIOLOGY OF HEALTH
Introduction.
Stirring Up Trouble.
The Lessons of AIDS.
Trends in AIDS.
How the Other Half Dies.
Child Abuse.
The Moral Society.
Developing Social Norms.
Identity - Who am I?
She didn't understand what went wrong. (Do you?)

Teens Need Family not Bureaucrats.
Gratification of Prejudice.
Situational Factors in Prejudice.
Changing Prejudice.

TOWN PLANNING
Community.
How to manage housing.
Urban regeneration.
Dual approach on homelessness.
The ghost of Rachman.
Thamesmead: the new model town.
Thatcher's blueprint for the inner cities.
Consequences of Bad Town Planning.
Stalk Shout for Shelter.
Plan Your Own Town.

BIBLIOGRAPHY

The Futurist May/June 1990. Interview July 1990. The Sciences 9/90 Scientific American May 1990. Human Behaviour 1978. Insight 1987. New Society 1986/7/8.

WRENCH, D. - Psychology. A Social Approach. McGraw-Hill Inc. 1969

LÍNGUA VIVA II (Instrumento de trabalho) - Francês

Docente: Dr[a] Isabelle Serra

Objectifs generaux

1. Amélioration de la compétence orale:
1.1. Déchiffrage de documents.
1.2. Exercices de mimétisme.
1.3. Présentation de textes, exposés, débats.

2. Elargissement des compétences à l'écrit:
2.1. Compte rendus et commentaires de textes.
2.2. Résumés de textes.

3. Perfectionnement des compétences grammaticales:
3.1. Vérification des acquis.
3.2. Systématisation des connaissances.
3.3. Étude et emploi des tournures idiomatiques.
3.4. Sensibilisation à la notion de variété de discours.

BIBLIOGRAPHIE:

- Dictionnaire

ROBERT, P. - Le Petit Robert Dictionnaire alphabétique et analogique de la langue française. Paris, Le Robert ed., dernière édition

NOTE:

a) La bibliographie sera fournie lors du premier cours.

b) L'épreuve orale de fin d'année (obligatoire pour tous les étudiants portera sur les textes étudiés en cours dans le courant de l'année.

ÍNDICE

Pensamento Social e Político 1
Estatística para as Ciências Sociais 3
Análise e Teorias Demográficas 7
Introdução à Antropologia Cultural 9
Metodologia e Técnicas de Investigação 11
Princípios Gerais do Direito 14
Língua Viva II - Inglês 16
Língua Viva II - Francês 18